

**A INTERCULTURALIDADE NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA  
INGLESA: REFLEXÕES SOBRE UMA EXPERIÊNCIA NA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO TOCANTINS- CAMPUS ARAGUAÍNA**

Elisa B. A. Alencar  
Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** O Programa de Assistente de Ensino de Língua Inglesa para Projetos Institucionais é uma parceria CAPES/Fulbright que objetiva a permanência de assistentes de ensino americanos em vinte instituições federais de ensino superiores no período de quatro anos. Este trabalho visa expor, analisar e comentar os resultados obtidos, até o momento, com a experiência de ter um assistente de ensino de outra nacionalidade na Universidade Federal do Tocantins. O inglês é internacionalmente considerado uma língua global e, diante deste cenário mundial, é cada vez mais necessária a introdução de reflexões e discussões culturais na formação de professores que lidam com o ensino de uma língua hegemônica e que muitas vezes é carregada de preconceito devido ao seu status e histórico político. A possibilidade de contar com assistentes de ensino do país da língua-alvo têm sido extremamente interessante como fonte de intercâmbio, consciência cultural, quebra de paradigmas e quebra de estereótipos.

**Palavras-chave:** Interculturalidade, ensino e aprendizagem de língua, formação de professores

**Abstract:** The English Language Teaching Assistant Program is an Institutional Project in partnership with CAPES / Fulbright that focuses on permanence of teaching assistants in twenty American Federal Institutions in higher education over four years. The first year of the project (2011) at the Federal University of Tocantins achieved some results and it was an extremely enriching experience for students and professors from Letras graduation course involved in the project. This work aims to reflect, analyze and comment the obtained results of the project so far. English is internationally regarded as a global language and, on this world stage, it is increasingly necessary to introduce reflections and discussions on the cultural education of teachers who deal with the teaching of an hegemonic language and that is often seen with prejudice due to its political and historical status . The possibility of having teaching assistants born in a country with the culture of the target language has been extremely interesting as a source of exchanging cultural awareness for these future teachers. Moreover, the contact of Letras students with native speakers has shown a form of motivation and opportunity to practice and improve, not only the skills of listening and speaking, but also the intercultural competence as mentioned before.

**Keywords:** Interculturality; Teaching and Learning of Language; Teacher Education

## **Introdução**

De acordo com Jean Claude Beacco (2.000) a palavra ‘interculturalidade’ surgiu por volta de 1975, na França, motivada não só pelo grande número de imigrantes, mas também pelo movimento de culturas nacionais reivindicatórias de reconhecimento de suas diferenças. Para o autor o conceito de interculturalidade seria a capacidade de experimentar outra cultura e analisar essa experiência. A competência intercultural ajuda as pessoas a entender melhor as diferenças culturais, estabelecer ligações cognitivas e afetivas entre as experiências passadas e futuras, mediar entre os membros de dois (ou mais) grupos sociais e suas culturas, e questionar os pressupostos de seu próprio grupo cultural e meio.

O Projeto Brasil/ Estados Unidos: construindo pontes interculturais o qual, as reflexões, resultam neste artigo, tem como objetivo, melhorar a competência linguístico-comunicativa, trabalhar a interculturalidade e o senso crítico dos alunos do Curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins, Campus Araguaína. Trata-se de oficinas para alunos (da Universidade) ministradas por bolsistas americanos em conjunto com os professores de Língua Inglesa do Campus.

O contato com falantes nativos tem sido uma forma de motivação, oportunidade de prática, melhora das habilidades de escuta e fala, e reconhecimento e aproximação com o outro. Rivers (1983:113-114) lembra que

[...] quando a língua estrangeira é aprendida fora de seu contexto, a conquista da competência comunicativa é desafiada tanto pela distância social (falta de oportunidade de interação com outros falantes), quanto, eventualmente, pela distância psicológica (falta de interesse por tal interação).

A presença dos bolsistas americanos nos proporciona a interação e contato mencionados pelo autor. Por meio da convivência diária e das oficinas, tentamos construir atividades interculturais entrelaçadas ao uso da Língua alvo. Para Kramsch ‘a competência comunicativa envolve também certa competência cultural, que visa a observação das relações simbólicas entre língua e cultura’ (KRAMSCH, 2003, p. 21).

Intencionamos neste projeto trabalhar a diversidade, troca cultural, e a quebra de estereótipos. Pressupõe-se que o contato com pessoas de nacionalidade diferente possibilite uma maior compreensão do falante nativo que está sempre envolvido nas aulas de Inglês, mas, porém, configura-se como alguém ausente fisicamente, muitas vezes estereotipado e

apenas personagem de livros ou filmes. No nosso contexto, falamos de americanos nativos que falam inglês como língua materna.

Acreditamos que para os nossos alunos a competência comunicativa se fortalece com a presença dos bolsistas americanos usando a língua inglesa de maneira mais efetiva e real. Nossa intenção é motivar nossos alunos a falar a língua inglesa e ter um pouco de convivência com os nativos desta língua. Notamos que os alunos se sentem confortáveis, devido ao fato de não serem forçados a falar a língua alvo, mesmo com a presença dos americanos.

Observando o comportamento deles vimos que este processo se daria muito lentamente. Muitos só começaram a falar em Inglês depois de um pouco mais de convivência com os bolsistas, que também aprendem Português com os nossos alunos. À medida que os americanos foram aprendendo português, por aquisição e aprendizagem<sup>1</sup>, nossos alunos também se desenvolviam nos dois aspectos. Um ponto a ser ressaltado é o fato dos alunos terem gostado quando as bolsistas entraram na sala se apresentando em língua Portuguesa. Para eles, esta foi uma grande prova de respeito ao novo território, quebrando barreiras e tentando mostrar que não estavam ali para impor a aprendizagem de língua Inglesa, mas sim para interagir e fazer uma troca.

Sabemos que o fato de serem americanos tinha certo peso negativo, já que atualmente há uma constante pressão com relação aos Estados Unidos da América, vistos como um país opressor e que impõem cultura para os países considerados subdesenvolvidos. Trabalhar com uma visão crítica sobre o contexto político e histórico que vivemos tem sido um dos maiores desafios neste projeto.

A Fulbright é uma ONG que visa disseminar a cultura americana pelo mundo e esta política de disseminação cultural provoca inúmeras críticas de cunho político. Diante deste quadro, um projeto intercultural foi de grande valia e os estudos sobre interculturalidade nos auxiliam na construção de nossas oficinas, promovendo a construção de um movimento de

---

<sup>1</sup> Schütz (2006) define a aquisição da linguagem como um processo de assimilação natural, subconsciente, que se dá em situações reais de convívio com outras pessoas, em que o aprendiz é um sujeito ativo, como no processo de assimilação da língua materna pelas crianças. A aprendizagem da língua estrangeira tem relação com a abordagem de ensino tradicional aplicado nas escolas de ensino regular e em muitos cursos de línguas. Espera-se que o aluno entenda, através da língua na forma escrita, a estrutura e as regras do idioma, através de esforços intelectuais e capacidade dedutivo-lógica.

troca cultural e consciência das diversas formas de expressão cultural. Este contato cultural se apresenta no envolvimento diário, nas pequenas trocas e na percepção um do outro que vai surgindo naturalmente em um ambiente de imersão por parte dos americanos e brasileiros. O senso crítico tem permeado nossas atividades promovendo reflexões sobre assuntos variados como cultura, ética, preconceito, respeito, gênero, orientação sexual dentre outros. A curiosidade sobre o modo de vida do outro não parte apenas dos brasileiros, mas também dos bolsistas, que estão vivendo no Tocantins. Nossa proposta seria desenvolver a competência comunicativa entrelaçada à competência intercultural. De acordo com Kramsh

[...] a simples aquisição de conhecimento estático sobre os padrões culturais normativos da linguagem é prejudicial à competência comunicativa porque, afinal, tudo depende do contexto. Assim, a comunicação intercultural interpreta 'cultura' não como uma série de conhecimentos fixos, mas, sim, como um processo ou contexto. (KRAMSH, 2003, p.22)

A autora ressalta que a experiência é construída pelos interlocutores no próprio ato comunicativo. A cultura e o modo como lidamos com ela aparece cotidianamente, à medida que os envolvidos no projeto se juntam, falam, se percebem e observam o outro. O olhar do outro sobre nós e vice e versa nos faz refletir sobre quem somos. Sobre este olhar, Dravet (2004, p. 97) pontua sobre a importância de reconhecer-se por meio do outro.

[...] o primeiro passo do processo é percorrer o caminho em direção ao outro, mergulhar no seu universo ao máximo, impregnar-se dele até absorvê-lo em si, adaptar-se e até ser capaz de transformar-se no outro, transformando a própria visão do real.

No nosso projeto, a convivência nos faz percorrer este caminho de ir em direção ao outro mutuamente. Tanto os brasileiros obtêm conhecimento sobre os americanos, quanto os americanos sobre os brasileiros e nosso modo de viver e conviver. Muitas vezes as diferenças incomodam e podem até travar o processo de ensino e aprendizagem. Sobre esta diferença observamos que o primeiro bolsista mostrou-se muito preocupado com o modo como lidamos com o ensino de Língua Inglesa no contexto local, e com o comportamento dos alunos em geral. Os atrasos e a aparente tranquilidade dos alunos intrigou o bolsista que mostrou dificuldade em aceitar o fato e até se sentiu desmotivado com o projeto. No olhar do bolsista,

os nossos alunos não se interessam pelos estudos e não possuem a competência acadêmica.

Eu pensei que os alunos no nível universitário seriam mais motivados para aprender e descobri que eu estava errado. Eu tive a impressão de que os alunos estudariam. Enquanto eu estava animado para ensinar, eles não estavam dispostos a fazer muito esforço. (tradução minha) – (bolsista Fulbright)

Partindo deste olhar do outro, decidimos rever sobre isso. Neste momento, o olhar do outro pode nos ajudar a perceber melhor e talvez motivar nossos alunos um pouco mais. Muitas vezes por estarmos inseridos em nossa cultura não refletimos acerca dela. Portanto, Peixoto (1988, *apud* Dornbusch 1998) nos chama atenção para o *olhar do estrangeiro* como um recurso de refletirmos sobre nossa cultura, visto que “[...] aquele que não é do lugar, que acabou de chegar, é capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem mais perceber.” (p.16). Porém ressaltamos que deve ser levado em consideração as questões culturais e contextuais que temos na nossa região e país. O bolsista via todo o processo sob a ótica americana e do estilo acadêmico americano. No Brasil, especialmente na região Norte temos um contexto um pouco diferente. Temos alunos que trabalham muito, a grande maioria pobres, um transporte público precário e caro. Muitas vezes eles se atrasavam por estes motivos. Mas para o nosso bolsista, faltava um pouco de vontade e interesse pela língua, algo que, na concepção dele, deveria ser trabalhado. No início ficamos um pouco chateados com o comportamento dele, mas aos poucos fomos interagindo e aprendendo a lidar com o problema tentando chegar a um consenso. Repensamos alguns pontos, estabelecemos novas regras para a participação e no fim das contas os alunos argumentaram que realmente estavam sobrecarregados e que preferiam chegar atrasados a não ir para as oficinas. A dupla licenciatura levava-os a um acúmulo de tarefas, incluindo dois estágios, um de língua Portuguesa e outro de língua Inglesa. Decidimos então apresentar este quadro para os bolsistas seguintes, afim de evitar mais problemas deste gênero, mas sabemos que o bolsista em questão continuou pensando como antes. Em uma de suas respostas ao questionário final do projeto disse:

Aprendi muitas coisas ao ser um assistente de ensino de língua inglesa. A primeira é que aprender uma língua é difícil se nunca foi dada uma motivação para tentar. Os alunos não entendem como aprender, e eu acho que uma análise sobre o sistema

americano seria bom. Não para adotar, mas para aprender.(minha tradução)(original como nota de rodapé)<sup>2</sup>

É pertinente observar que o sujeito é moldado, a todo tempo, pela significação que sua língua / cultura lhe representa, e isso fica bem claro na fala de nosso bolsista que parece ter sua em sua cultura escolar o modelo para a nossa.

### **Alteridade**

Falar sobre interculturalidade nos remete ao termo ‘alteridade’ imprescindível no contexto deste trabalho. Para Todorov (1982) o eu só pode existir quando eu tenho uma visão do outro que remeta a mim mesmo, o autor afirma

Podem-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não é uma substância homogênea e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo, eu é um outro. Mas cada um dos outros é um também, sujeito como eu”. ( TODOROV, 1982, p. 2)

Na citação acima o autor chama a atenção para o fato de descobrirmos o outro em nós, o que parece ser diferente faz parte nós. Todo homem precisa de interação e ao mesmo tempo tem seu próprio eu, sua própria identidade e individualidade. O outro faz parte de nossa existência e do nosso ser, qualquer que seja este outro.

A alteridade constitui-se de três planos: o axiológico, o praxiológico e o epistêmico. O primeiro, axiológico, julgamos o valor do outro- se é bom ou mal- se eu gosto ou não gosto- se é inferior ou superior a mim. O segundo, praxiológico, observamos três atitudes, aproximação ou distanciamento do outro, compreender o outro dando maior valor à minha identidade, ou ser indiferente ao outro. O terceiro, epistêmico, ocorre o conhecimento ou desconsideração em relação à identidade do outro. (1996, apud Kovalek , 2013). Portanto, compreender o outro não é tarefa fácil e exige reflexão, interação e compreensão. O autora em questão também aponta 4 fases em que os indivíduos vão construindo este processo de alteridade. Descrevo-as abaixo:

---

<sup>2</sup> From being an ETA (English Teaching Assistant) I have learned several things. The first is that learning a language is difficult if you have never been given the motivation to try. Students do not understand how to learn, and I think a review of the american system would be good. Not to adopt, but to learn.

1. Num primeiro momento, assimila-se o outro a si próprio, existindo apenas uma identidade: eu mesmo. Organizo culturas distintas das minhas de acordo com a minha própria e o meu conhecimento do outro é apenas quantitativo e não qualitativo.
2. Num segundo passo, elimina-se a própria identidade em benefício do outro, eliminando a minha subjetividade. Aqui também temos uma única identidade, a do outro.
3. Nessa fase resumo minha própria identidade, mas busco de todas as formas compreender o outro. Minha exotopia (noção de não pertencimento à outra cultura) produz conhecimento qualitativo e não quantitativo. Concluo que os meus valores não são tão relativos quanto os do outro. A dualidade, aqui, substitui a unidade, sendo que o eu estabelece-se como diferente do outro.
4. Na última fase, o conhecimento do outro determina o conhecimento do outro e de mim próprio; interagindo com o outro, meus conceitos se transformam de forma a responder pelo outro e por mim.

Chegamos a este ponto quando nos propomos a interagir e considerar o outro como parte de mim, sem estereótipos, discriminações ou preconceitos. Para Hall (1997), as identidades são relacionais, isto é, elas dependem de outras identidades para existir e, por conseguinte, marcar a diferença.

Partiremos agora para a apresentação de algumas partes das oficinas ministradas e as reflexões sobre os aspectos interculturais presentes nelas.

## **Relatos e reflexões sobre a interculturalidade e a alteridade**

### **As oficinas (1<sup>a</sup> ano do projeto)**

Dividimos os alunos, de acordo com a preferência deles, em 4 oficinas: Conversation, Writing, Reading and Drama. Nossa primeira intenção foi trabalhar o ensino

de língua Inglesa por meio de atividades que envolvessem a cultura de ambos os países-Brasil e EUA. Deste modo os professores se reuniam semanalmente para programar o tema das aulas. As 4 oficinas eram ministradas sempre com o Assistente de Ensino e um Professor do projeto. O primeiro entrave que enfrentamos foi a predominância somente da cultura Americana, pois na maior parte das aulas os alunos tinham interesse apenas na cultura dos EUA e não conseguíamos falar sobre a nossa cultura para o assistente americano, pois nosso objetivo inicial era o de proporcionar uma troca. Isto nos fez refletir sobre a influência da cultura nas aulas de língua e a pensar um modo de falarmos sobre ambas as culturas na língua alvo. Relaciono logo abaixo o que foi dito pelos alunos participantes:

Teacher Assistant's stereotypes about Brazil (not Brasil).	Brazilian Students' stereotypes about the USA
<p>BRAZIL: mosquitoes, BRIC, Drugs, soccer, favelas, beautiful men, beautiful women, Pele, Samba, CATHOLIC, beaches, poverty indians, cannibals, Rio de Janeiro, String Bikinis, Large Christ Statue, Poverty, Sex tourism, jungle, amazon, CRIME, malaria, snakes, Anacondas, Carnival, Tropical, Illegal Logging, Deforestation, corruption, Diseases, Prostitution, dancing, Brazilian wax, Dengue, Exotic, flip-flops (sandals), Rain Forest.</p>	<p>USA: Dollar, individualism, fast food, FAT People, Michael Jackson, War, Hot dog, immigrants, movies, EMMA WATSON, greedy, nasa, beautiful women, Broadway, R&amp;B, terrorists, BASKETBALL, Jazz, Scientists, Soul Music, Protestants, Eagles, Betty Boop, Wendy's Milk Shake, Selfish people, Bin Laden, Mickey, Statue of Liberty, COLD, Washington, D.C., L.A., bacon and eggs, World Trade Center, Fast Food, McDonalds, New York, Hip Hop, RAP, Blonde hair, fast food</p>

Após listados os estereótipos, trabalhamos a desmistificação destes itens, mostrando que os símbolos, citados, não representam estes países, mas são estereótipos que acabam por criar um senso comum acerca do que estes países poderiam ser de um modo bem superficial.

Para esta desmistificação falamos sobre a diversidade de pensamentos e a importância de uma visão menos comum acerca de valores, que muitas vezes, são produzidos pela mídia e não são trabalhadas nas aulas de língua Inglesa. Nesta parte entramos com o letramento crítico refletindo com os alunos sobre as noções de poder subjacentes ao modo como a mídia apresenta ambos os países e na forma como as aulas de língua inglesa tratam a cultura de ambos os países. De acordo com Byram, Gribkova e Starkey

a dimensão intercultural nas aulas de línguas estrangeiras é especialmente importante para evitar a estigmatização de identidades nacionais e a criação de estereótipos, o que reduz indivíduos a meros representantes de uma cultura ou país e, eventualmente, pode levar ao preconceito. (BYRAM, GRIBKOVA E STARKEY, 2002, p.09).

Corroboramos o autor quanto a este ponto e entendemos a importância de quebrarmos estereótipos quando preparamos uma aula contemplando um pensamento crítico acerca deste assunto. Não tivemos a intenção de cair no comparativismo, mas sim mostrar como ele pode ser prejudicial nas relações e no ensino e aprendizagem de línguas. Para Abdallah Pretceille

a interculturalidade ultrapassa a simples análise de semelhanças e diferenças. A comparação implica a crença da existência de uma cultura superior a partir da qual ordenam todas as outras. (ABDALLAH PRETCEILLE, 1983, p. 97)

Na aula seguinte o assistente de ensino americano e a professora brasileira apresentaram a canção *strange fruit* de Billy Holiday ( vide anexo I). Trabalhamos o tema preconceito e os comparativos de igualdade, superioridade e superlativo. Comparamos a canção *Strange Fruit* com *where's the Love* do grupo *Black Eyed Peas* (vide anexo II) . Ambas falam de preconceito e amor . O tema preconceito e escravidão vinculado aos EUA foi muito discutido, refletimos também sobre o preconceito e escravidão no Brasil. Por meio desta aula chegamos à percepção de que ambos carregamos um passado doloroso com relação à escravidão, porém, muito pouco, sobre este assunto é discutido nas escolas e foi um pouco difícil trabalhar até mesmo na oficina. A questão étnica e do preconceito não é trabalhada nos livros, por exemplo, e temos uma idéia equivocada sobre este tema quando se trata dos Estados Unidos da América, os livros não tratam temas históricos para reflexão. A

comunicação intercultural nos ensina que mais importante que estudar os padrões de culturas específicas é perceber a universalidade das mesmas e nesta oficina creio termos chegado neste ponto. Carvalho afirma que

as diferentes culturas são necessariamente complementares entre si, mesmo que cada uma delas revele uma práxis um conjunto de práticas particulares, relativas, diferenciais. Todas essas diferenças expressam modalidades simultaneamente universais-singulares do viver em sociedade, do diálogo com as tradições, das antecipações do futuro. ( Op.Cit., 2005, p.105, 106,)

Corroboramos a ideia de que a cultura é fator complementar e que deve vir sempre junto à língua que está sendo ensinada. Neste aspecto enfatizamos a presença do letramento crítico que permeia todo o processo. A ideia de aprender língua remete à ideia de refletir, questionar e pensar sobre tudo que vivemos no nosso dia a dia. O fato de estarmos aprendendo língua não nos exime de críticas, posicionamentos e percepções sobre nós mesmos, a sociedade em que vivemos e assuntos referentes à sociedade em que a língua alvo se apresenta, seja por meio de imagens, textos ou opiniões vindas de atividades diversas apresentadas nas aulas.

Outras oficinas também trabalharam diferenças culturais. Falamos sobre datas comemorativas nos EUA e no Brasil. O Assistente mostrou que nos EUA o dia de ação de graças é mais importante, para algumas famílias, do que o Natal, que na nossa cultura é um dos dias mais especiais do ano. O dia das bruxas também foi bastante comentado. Aliamos os temas planejados à história e cultura que geraram tais datas. O senso crítico permeou as discussões por meio de reflexões sobre o uso da festa de Halloween no Brasil e até que ponto os alunos sabiam sobre do que se tratava tal comemoração tão comum nas escolas.

### **As oficinas (2º ano do projeto)**

Relato agora algumas oficinas feitas no segundo ano do Projeto. As bolsistas pareciam ter chegado dispostas a entender nossas diferenças e tentar trabalhar convivendo com elas. Assim como nós, professores brasileiros envolvidos no projeto, aprendemos muito a lidar com a diferença. Pensamos em mudar o modelo que estávamos trabalhando anteriormente com o primeiro bolsista. A partir das respostas do questionário respondido por

ele refletimos sobre todo o projeto e decidimos deixar as bolsistas mais livres para programar suas oficinas. Mostramos o projeto, enfatizando que deveriam tratar todos os assuntos sob uma ótica intercultural.

A primeira oficina das novas bolsistas foi sobre *The American University life*- A vida universitária Americana. Foram apresentadas fotos das Universidades americanas, o quadro de disciplinas, o período de avaliação, os valores pagos pelos estudos, as atividades extracurriculares, os dormitórios e os restaurantes. Depois, as americanas perguntaram sobre as Universidades no Brasil e houve uma troca de informações e interação. Os alunos mostraram-se perplexos com os valores pagos pelos estudos nos EUA ao passo que as americanas acharam que o Brasil oferecia muitas coisas gratuitas e isso era muito bom. Diferenças, pontos negativos e positivos de ambas as culturas não deixaram de aparecer nestas oficinas. Parece difícil falar de duas culturas sem comparações, mas o importante é que nenhuma delas foi denegrida, estereotipada ou colocada como superior ou inferior.

A segunda oficina foi sobre a história da música americana. A oficina foi dividida em 3 partes e os alunos gostaram muito. Viram a influência da música americana no Brasil, aprenderam sobre ritmos e também um pouco sobre a história dos Estados Unidos quando a bolsista falou sobre Blues e Jazz. Ao final de cada oficina os alunos cantavam alguma música. Também trabalharam o dia da Independência dos EUA- *The Independence Day*- Nesta oficina foi explicado todo o processo político e histórico dos EUA e os alunos foram motivados a falar sobre o processo de eleição no Brasil, levando-os a falar sobre democracia, ditadura e independência. O vocabulário que imergiu durante a discussão foi exposto e utilizado. O tema 'alimentação'- *What do you eat?*- (o que você come?) também foi parte das oficinas. Nesta parte, os alunos foram expostos à cultura alimentícia americana, por meio de conversas, fotos e depoimentos reais das bolsistas que sempre mostravam interesse pela troca cultural e vivenciavam isso em convites para almoços, lanches e jantares nas casas de alunos e amigos.

Percebemos que avançamos um pouco quanto à organização, ajustes, compreensão do outro dentro do projeto e que avançamos para a segunda fase explicitada por Todorov (1996) anteriormente.

### **As oficinas (3ª ano do projeto)**

No terceiro ano do projeto avançamos ainda mais. As bolsistas parecem bem confiantes e constroem suas oficinas sozinhas. Tem se adaptado bem à região e expressam alegria em ajudar. Também há uma boa flexibilização por parte delas quanto aos horários e à cultura local. Para nós, professores da UFT, também houve um amadurecimento e creio termos chegado na última fase de Todorov, que relembro agora:

Na última fase, o conhecimento do outro determina o conhecimento do outro e de mim próprio ;interagindo com o outro, meus conceitos se transformam de forma a responder pelo outro e por mim. (TODOROV, 1996)

Sentimos que houve um amadurecimento. As oficinas estão trabalhando ambas as culturas de forma leve. Não há um engessamento e os temas fluem de acordo com o gosto e curiosidade dos alunos, percebemos que a cultura naturalmente surge no ambiente onde há pessoas de lugares diferentes, não é preciso fazer muito esforço para haver uma troca, desde que haja consciência e o grupo tenha respeito uns pelos outros além de estarem despidos de preconceito e senso de superioridade ou inferioridade.

Em uma das oficinas as bolsistas trabalharam com o mapa dos Estados Unidos da América, mostrando os Estados e a Geografia do país, depois pediram aos alunos para contar a elas sobre a geografia do Brasil. O vocabulário que surgia ia sendo exposto no quadro a fim de promover aumento do vocabulário e comunicação. Houve curiosidade e troca por ambas as partes.

Numa outra oficina, as bolsistas trabalharam com o filme ‘ **e o vento levou**’ depois de discutirem sobre o filme, os personagens e as imagens , lançaram uma pergunta chave que novamente remete ao ensino crítico e intercultural: **De que maneira a escravidão e a abolição dos escravos foi similar ou diferente no Brasil e nos EUA baseado no filme que acabaram de ver?**

Nesta atividade os alunos tiveram a oportunidade de aprender vocabulário, história de ambos os países, e refletir sobre algo universal que nos faz iguais que é um passado doloroso que gera até os dias de hoje um presente ainda carregado de preconceito.

Ainda numa outra oficina, acompanhando o movimento **‘vem pra rua’** recente no Brasil, as oficinas foram voltadas para possíveis frases que poderiam estar nos cartazes. Os alunos fizeram diversos cartazes em Inglês com frases de protesto. Aumentaram o vocabulário e aprenderam inglês com um tema polêmico e atual.

### **Conclusão**

Trabalhar com interculturalidade não é tarefa fácil. É árduo, sobretudo quando se trata dos Estados Unidos da América que não é visto pelo resto do mundo como um país que precisa de ajuda, mas sim como aqueles que prestam ajuda em prol de alguma coisa. Um país carregado de estereótipos e de alguma rejeição de cunho político no local onde o projeto está sendo executado. Tudo isso nos leva a repensar nossos valores e os valores do outro envolvido no processo. Há um cuidado em não desmerecer nossa cultura e nosso local de vivência em prol daquele que chega e que mundialmente é conhecido como desenvolvido e provedor, há um cuidado em tratar o outro como um ser e não um representante de atrocidades que possam ter sido cometidas, há um cuidado em olhar para nós como também possíveis representantes de um país, muitas vezes, estereotipado, visto como aquele que nada dá certo e que há corrupção por toda a parte.

Vejamos que não se trata apenas de ver os EUA ou o Brasil como superiores ou inferiores, mas sim, criar maneiras de se aprender um idioma, cultivando o respeito e a paz, além do nosso olhar crítico, assim como eles cultivam o deles. Ao mesmo tempo precisamos cuidar para não sairmos feridos uns com os outros porque não conseguimos colocar nossas diferenças como ferramenta pedagógica e intercultural para fins de aprendizagem de uma língua e de uma convivência.

Neste projeto buscamos trabalhar a *Interculturalidade*, a troca saudável e salutar, a aprendizagem e a aquisição, a descoberta do novo, de novos olhares, e de novas experiências para ambas as partes. Estamos felizes por termos passado pelas quatro fases de Todorov, pelo fortalecimento de nossas identidades, pela inclusão de um local, dito periférico, para o âmbito global, desmistificando a crença de que não se aprende língua inglesa em lugares

como Araguaína porque ela não é necessária. Fomos além, estamos trabalhando para aprender muito mais que língua, mas língua, cultura, convívio e sensibilidade uns com os outros.

Esta Experiência tem nos trazido muito amadurecimento e crescimento lingüístico. Esperamos finalizar o projeto no ano de 2014 com mais atividades que fortaleçam cada vez mais alunos e professores para conviver com diferenças e aprender e ensinar com elas.

### **Referências Bibliográficas**

Byram, Michael; Gribkova, Bella & Starkey, Hugh (2002) Developing the Intercultural Dimension in Language Teaching. **Strasbourg, Council of Europe Publishing** – European Centre for Modern Languages.

BARBOSA, L.M.A. Concepção de língua e de cultura no ensino-aprendizagem de língua estrangeira. In: GATTOLIN, S.; SIGNORI, M. B.; MIOTELLO, V. (Org.). **Dez anos entre o aprender e o ensinar linguagens**. São Carlos-SP: Pedro e Paulo editores, 2007.

DRAVET, F. Acolher o desconhecido. In: CASTRO, G.; DRAVET, F. (Org.). **Sob o céu da cultura**. Brasília: Thesaurus, 2004. p. 95-112.

Edgar de Assis Carvalho in: Aprender- **Cadernos de Filosofia e Psicologia da Educação-UESB- Vitória da Conquista- BA- 2005- Pág 105 , 106**

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós modernidade. Trad. De TOMAZ, T.S.  
Disponível em: <<http://etauft.blogspot.com.br/2013/06/american-culture-workshop->>.

INNERARITY, D. Educar para uma sociedade multicultural. In: CASTRO, G.; DRAVET, F. (Orgs.). **Sob o céu da cultura**. Brasília: Thesaurus, 2004. p. 59-74.

Kramersch, Claire (1993) **Context and Culture in Language Teaching**. Oxford, Oxford

KOVALEC, O. Estudos (inter) Culturais em Cadernos de Língua Inglesa da Rede Pública do Estado de São Paulo- Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de São Carlos, 2013.

OLIVEIRA, Hélvio Frank de. Narrativas de uma portuguesa vivendo no Brasil: algumas considerações sobre suas experiências interculturais. **Rev. bras. linguist. apl.** [online]. 2012, vol.12, n.1

Rivers, Wilga M. (1983) **Speaking in Many Tongues: Essays in foreign-language teaching**. Cambridge, Cambridge University Press.

TODOROV, T. **A conquista da América**. São Paulo: Martins Fontes, 1995. University Press.

## **ANEXO I**

### **Strange fruit**

#### **Strange Fruit**

Southern trees bear strange fruit,  
Blood on the leaves and blood at the root,  
Black bodies swinging in the southern breeze,  
Strange fruit hanging from the poplar trees.  
Pastoral scene of the gallant south,  
The bulging eyes and the twisted mouth,  
Scent of magnolias, sweet and fresh,  
Then the sudden smell of burning flesh.  
Here is fruit for the crows to pluck,

For the rain to gather, for the wind to suck,  
For the sun to rot, for the trees to drop,  
Here is a strange and bitter crop.

**Fruta Estranha**

Árvores do sul produzem uma fruta estranha,  
Sangue nas folhas e sangue nas raízes,  
Corpos negros balançando na brisa do sul,  
Frutas estranhas penduradas nos álamos.  
Cena pastoril do valente sul,  
Os olhos inchados e a boca torcida,  
Perfume de magnólias, doce e fresca,  
Então o repentino cheiro de carne queimando.  
Aqui está a fruta para os corvos arrancarem,  
Para a chuva recolher, para o vento sugar,  
Para o sol apodrecer, para as árvores derrubarem,  
Aqui está a estranha e amarga colheita.

**ANEXO II**

**Where Is The Love**

What's wrong with the world, mama?  
People living like they ain't got no mamas

I think the whole world addicted to the drama  
Only attracted to things that'll bring you trauma

Overseas, yeah, we try to stop terrorism  
But we still got terrorists here living  
In the USA, the big CIA  
The Bloods and The Crips and the KKK

But if you only have love for your own race  
Then you only leave space to discriminate  
And to discriminate only generates hate  
And when you hate then you're bound to get irate, yeah

Badness is what you demonstrate  
And that's exactly how anger works and operates  
Man, you gotta have love just to set it straight  
Take control of your mind and meditate  
Let your soul gravitate to the love, y'all, y'all

People killing, people dying  
Children hurt and you hear them crying  
Can you practice what you preach?  
And would you turn the other cheek?

Father, Father, Father, help us  
Send some guidance from above  
'Cause people got me, got me questioning:  
Where's the love? (Love)

Where's the love? (The love)  
Where's the love? (The love)  
Where's the love, the love, the love?

It just ain't the same  
Always in change  
New days are strange  
Is the world insane?

If love and peace is so strong  
Why are there pieces of love that don't belong?  
Nations dropping bombs  
Chemical gasses filling lungs of little ones  
With ongoing suffering as the youth die young

So ask yourself:  
Is the loving really gone?

So I could ask myself:  
Really what is going wrong?

In this world that we living in  
People keep on giving in  
Making wrong decisions  
Only visions of them dividends

Not respecting each other  
Deny the brother  
A war is going on  
But the reason's undercover

The truth is kept secret  
It's swept under the rug  
If you never know truth  
Then you never know love

Where's the love, y'all, come on  
(I don't know)  
Where's the truth, y'all, come on  
(I don't know)  
Where's the love, y'all

People killing, people dying  
Children hurt and you hear them crying  
Can you practice what you preach?  
And would you turn the other cheek?

Father, Father, Father, help us  
Send some guidance from above  
'Cause people got me, got me questioning:  
Where's the love? (Love)

Where's the love? (The love)  
Where's the love? (The love)  
Where's the love?  
The love, the love

I feel the weight of the world on my shoulders  
As I'm getting older, y'all, people gets colder  
Most of us only care about money making  
Selfishness got us following our wrong direction

Wrong information always shown by the media  
Negative images is the main criteria

Infecting the young minds faster than bacteria  
Kids wanna act like what they see in the cinema

Yo', whatever happened to the values of humanity  
Whatever happened to the fairness in equality  
Instead in spreading love we spreading animosity  
Lack of understanding, leading lives away from unity

That's the reason why sometimes I'm feeling under  
That's the reason why sometimes I'm feeling down  
There's no wonder why sometimes I'm feeling under  
Gotta keep my faith alive till love is found  
Then ask yourself...

Where's the love?  
Where's the love?  
Where's the love?  
Where's the love?

Father, Father, Father, help us  
Send some guidance from above  
'Cause people got me, got me questioning:  
Where's the love?

**Onde Está o Amor?**

O que está errado com o mundo mamãe?  
As pessoas vivendo como se não tivessem mães  
Acho que o mundo todo viciou-se no drama.  
Apenas atraído a coisas que trazem trauma.

No exterior, sim, a gente tenta parar com o terrorismo  
Mas ainda temos terroristas vivendo aqui.  
Nos EUA, a grande CIA.  
Os Bloods os Crips e os KKK

Mas se você só tem amor pela sua própria raça.  
Então só sobra espaço para discriminar.  
E discriminar só gera ódio.  
E quando você odeia, então, você tende a ficar irado, yeah

Maldade é o que você demonstra.  
E é exatamente assim que a raiva funciona e opera.  
Cara, você tem que ter amor para endireitar-se.  
Tome controle da sua mente, e medite  
Deixe sua alma levitar para o amor.

Pessoas matando, pessoas morrendo.  
Crianças feridas e você escuta elas chorando.  
Você consegue praticar o que você prega  
E dar a outra face?

Senhor, Senhor, Senhor nos ajude.  
Envie-nos algum guia daí de cima  
Por que as pessoas andam me questionando.  
Onde está o amor? (amor)

Onde está o amor? (O Amor)  
Onde está o amor? (O Amor)  
Onde está o amor, o Amor, o Amor?

Simplesmente não é a mesma coisa,  
Sempre tem mudança  
Os novos dias são estranhos,  
Estará o mundo insano?

Se o amor e paz são tão fortes  
Porque há partes do amor que não pertencem?  
Países jogando bombas.  
Gases químicos enchendo os pulmões de crianças pequenas  
Com sofrimento contínuo enquanto a juventude morre cedo

Então pergunte a si mesmo,  
O amor realmente se foi?  
Então eu poderei perguntar pra mim mesmo,  
O que realmente está acontecendo de errado?

Nesse mundo que vivemos  
Pessoas vivem cedendo  
Tomando decisões erradas,  
Apenas visando seus dividendos

Sem respeitar um ao outro,  
Negando seu irmão.  
Uma guerra está acontecendo,  
Mas a razão está escondida.

A verdade é mantida em segredo,  
Varrida para debaixo do tapete.  
Se você não conhece a verdade,  
Então não conhece o amor.

Onde está o amor? Todos vocês, vamos lá!

(eu não sei)  
Onde está a verdade? Todos vocês, vamos lá  
(eu não sei)  
Onde está o amor? Todos vocês

Pessoas matando, pessoas morrendo.  
Crianças feridas e você escuta elas chorando.  
Você consegue praticar o que você prega?  
E dar a outra face?

Senhor, Senhor, Senhor nos ajude.  
Envie alguma luz dos céus.  
Por que as pessoas andam me perguntando.  
Onde está o amor? (Amor)

Onde está o amor? (O Amor)  
Onde está o amor? (O Amor)  
Onde está o amor?  
O Amor, O Amor

Eu sinto o peso do mundo nos meus ombros.  
Enquanto envelheço, todos vocês, pessoas ficam mais frias.  
A maioria de nós só nos preocupamos em ganhar dinheiro.  
O egoísmo está nos guiando para a direção errada.

Informações erradas sempre mostradas pela mídia.  
Imagens negativas são o critério principal.  
Infectando as mentes jovens mais rápido do que bactéria.  
As crianças querem agir como elas vêem no cinema.

E aí, o que seja que tenha acontecido com os valores de humanidade  
O que seja que tenha acontecido com a justiça na igualdade  
Ao invés de espalhar amor estamos espalhando desânimo  
Falta de conhecimento deixando vidas longe de uma unidade.

É por isso que as vezes eu me sinto pra baixo.  
É por isso que as vezes eu me sinto pra mal.  
Eu não teria por que ficar me sentindo pra baixo.  
Tenho que manter minha esperança viva até que o amor seja encontrado  
Minha esperança você mesmo

Onde está o amor?  
Onde está o amor?  
Onde está o amor?  
Onde está o amor?

ISSN: 1677-9797

Senhor, Senhor, Senhor nos ajude.  
Envie alguma luz dos céus.  
Por que as pessoas andam me perguntando.  
Onde está o amor?